Luís Manuel Vieira dos Santos

COMO ESCOLHER E PORQUÊ

Nas frequentes conversas que tenho travado com mestres das diversas áreas ligadas às artes marciais, tanto das modernas como das mais antigas, japonesas ou não, há um denominador comum que podemos sintetizar como sendo a preocupação com o caminho que o mundo das artes marciais (AM) está a tomar. Há hoje uma crise económica e mudanças sociais profundas a desenvolverem-se, na Europa e no resto do mundo, que se reflectem naturalmente no nosso mundo de professores. Somos um microcosmo parte integrante de uma realidade mais geral e portanto os problemas tem necessariamente de se sentirem de uma forma ou de outra.

Na minha opinião há um factor que se salienta, não sendo o único, que é a ignorância cultural da sociedade sobre o que são as AM. A abundância de informação não reflecte uma melhor informação. Vivemos no reino da quantidade e não da qualidade. Quem não tem bases adequadas para escolher, escolhe mal. Quem nunca provou um bom vinho quando bebe uma zurrapa acha que provou o melhor produto do mundo. Associado a isto há claramente muita desinformação de elementos desonestos (temos de ser politicamente incorrectos para aceitar que isto é uma realidade) que para promoverem os seus "produtos" aproveitam-se da ignorância dos incautos. Isto sempre aconteceu mas hoje as novas ferramentas de comunicação permitem elevar exponencialmente o problema. Não é incomum ver pessoas, com um curso de semanas, apresentarem-se como mestres ou professores. Porque será que a idade avançada estava associada à mestria? O tempo para poder digerir o conhecimento, desenvolver capacidades pedagógicas e maturidade para as poder gerir em favor do aluno, requer tempo e vivência e consciência de qual o verdadeiro papel do professor. Não ensina quem quer mas quem sabe e esse saber requer uma experiência, uma atitude de investigador. O facto de em criança brincarmos aos soldados não nos dá as qualificações para sermos soldados e chegar ao momento em que há a necessidade de comandar homens com qualidade. Tempo é a palavra-chave.

A ignorância, porque é atrevida, como diz o povo, também não permite reconhecer no outro aquilo que ele tem para ensinar. O orgulho e a falta de humildade são cada vez mais um conjunto de defeitos que caracterizam os que pretendem serem alunos e essas características estão associadas à ignorância. A realidade hoje faz o incauto procurar nas prateleiras dos supermercados das AM (a internet) um produto barato, onde não se tenha que esforçar física e mentalmente, e onde os seus delírios pessoais possam encontrar terreno fértil nos mitos que alguns indivíduos vão acarinhando. Os (ir)responsáveis em lugar de, com paciência e respeito pelo outro, tentarem contribuir para o seu crescimento e superação do seu estado de ignorância acalentam a irrealidade do "aluno". Passo a contar três pequenos episódios que se passaram comigo e que revelam claramente o que acabei de falar.

O primeiro foi uma pessoa que me contactou, e que, interessadíssima pelo shintoismo, que conhecia há cerca de um mês, considerava que era a sua religião de eleição. Queria ser baptizada e queria saber se eu podia fazer isso e com urgência. Com o devido respeito pelos actos de fé, e eu sendo cristão convicto, acredito em momentos de revelação – epifanias – não posso, no entanto, deixar de achar que o caso ronda a área da patologia, e no entanto esta situação não é incomum. Enviei como

resposta um mail a referir que o assunto era sério, merecia uma reflexão e um pouco mais de informação para colocar os pontos nos ii. Não obtive resposta, como, era de esperar.

O segundo caso, decorreu numa entrevista. Um entusiasta das artes marciais via no projecto que apresentei, e que completou através da informação que obteve no meu site, a solução para a sua procura. Claro que todo aquele entusiasmo levou a que eu apresentasse as coisas de forma a arrefecer os ânimos da pessoa, e dessa forma tentar perceber o que o motivava efectivamente. Referi que nem sempre usávamos hakama e que o "hábito" não faz o monge. Chocado afirmou por mail, porque não quis dizer pessoalmente, que gostava de encharcar o hakama de suor e que até já se tinha separado da mulher por dar às AM um papel de revelo na sua vida, e em face de isto não encontrava na Escola o perfil para o seu exigente padrão de escolha. Enfim … não penso que seja necessários comentários.

O terceiro caso resumirei como sendo uma pessoa que queria "aprender" AM para fins que rondavam a pura pancadaria e o desenvolvimento de um Ego que, nitidamente, sofria de problemas de auto-estima, típico do tipo das pessoas que apresentam estes sintomas de agressividade. Dei a entender claramente que, AM como eu as via, era para, entre outras coisas, um processo de combate à agressividade e por isso teria de recorrer a outras abordagens que existem no "mercado" e que o lugar dele não era no meu projecto.

Estes casos podem despertar alguns sorrisos no leitor, no entanto eu garanto que eles são trágicos e revelam um estado de espírito muito comum e típico do momento actual, que deve servir de reflexão aos responsáveis actuais das AM e do papel que eles devem ter para tentar minimizar estas situações que, não dignificam profissionais e professores, que tentam com sacrifício pessoal garantir uma qualidade pedagógica e seriedade técnica para os que procuram nesta área uma das ferramentas complementares possíveis de desenvolvimento físico, mental e psicológico.

Com este texto não pretendo descredibilizar abordagens, por mais exóticas que possam ser para mim, pois se elas forem em conformidade com as idiossincrasias e necessidades próprias do caminho de cada um, e isso os auxiliarem no seu caminho de evolução, óptimo! Mas não devemos esquecer que há caminhos de encontro ao nosso processo de crescimento e também há caminhos de perdição … Temos o livre arbítrio de escolher … convêm escolher bem.

Lisboa, 2 de Maio de 2013